

A CASA CORRENTE LUSO-BRASILEIRA EM OURO PRETO

Análise tipológica da casa urbana dos séculos XVIII e XIX

Régis Eduardo Martins

IFMG Campus Ouro Preto | regis.martins@ifmg.edu.br

Michelle Pereira Xavier

IFMG Campus Ouro Preto | michellexavier2@gmail.com

Ana Paula de Moraes

IFMG Campus Ouro Preto | anapaula.moraes@ifmg.edu.br

Lais Lury Sakaki Ogawa

IFMG Campus Ouro Preto | mitsukishirokame@gmail.com

Mara Bruna Silveira Muniz

IFMG Campus Ouro Preto | mbrunamuniz@gmail.com

EIXO TEMÁTICO: (1) Fundamentos Teóricos e Metodológicos

Resumo: A análise tipológica da Casa Corrente Luso-Brasileira em Ouro Preto está sendo realizada via projeto de pesquisa no IFMG e visa preencher lacunas na historiografia da arquitetura brasileira, propondo um novo método de classificação para a casa urbana dos séculos passados. A proposta é inovadora, pois reorganiza a investigação sobre a casa urbana setecentista e oitocentista, de modo a criar um quadro de interpretação inicial baseado nos tipos arquitetônicos “casa corrente” e “casa senhorial”, que poderia ser utilizado para as diversas variações regionais da casa urbana no Brasil. O objetivo geral propõe ampliar a investigação da casa corrente luso-brasileira em Ouro Preto, a partir do estudo da documentação setecentista/oitocentista e dos levantamentos cadastrais das habitações locais, avançando na análise das tipologias arquitetônicas presentes no Centro Histórico da cidade. Os objetivos específicos envolvem investigar documentos históricos, mapear ocorrências das “estruturas” e “variações” formais, elaborar conteúdo para disciplinas acadêmicas, desenvolver divulgação científica e realizar interações com a comunidade local. A metodologia adotada estrutura-se na análise tipológica, utilizando levantamentos arquitetônicos pré-existentes, o estudo do cadastro urbano e de documentação histórica, como os aforamentos. Os resultados alcançados até o momento indicam a boa eficiência do método proposto para a releitura da casa urbana. A investigação permitiu identificar padrões de uniformidade em casas térreas das ruas Alvarenga, Henri Gorceix e Barão de Ouro Branco, revelando semelhanças nas dimensões dos cômodos e na organização interna das edificações. O cruzamento de dados entre os Foros de 1924 e as medidas extraídas dos levantamentos arquitetônicos, por outro lado, permitirá identificar informações históricas sobre a alteração das habitações e o perfil dos proprietários. A pesquisa continua a ser desenvolvida no IFMG, com a expectativa de alcançar contribuições para a compreensão e a preservação da casa corrente luso-brasileira de Ouro Preto.

Palavras-chave: Casa Corrente; Casa Urbana; História da Arquitetura; Arquitetura Luso-Brasileira.

The Common Luso-Brazilian House in Ouro Preto - A Typological Analysis of the Urban House of the 18th and 19th Centuries

Abstract: This study presents a typological analysis of Luso-Brazilian common house in Ouro Preto, developed through a research project at IFMG. It addresses gaps in the historiography of Brazilian architecture by proposing a new method for classifying eighteenth- and nineteenth-century urban housing. The approach reconsiders the study of early modern urban dwellings by establishing an initial interpretative framework based on the architectural types <<casa corrente>> and <<casa senhorial>>, which may be applied to different regional contexts in Brazil. The research aims to expand the investigation of the common house in Ouro Preto through the analysis of eighteenth- and nineteenth-century historical documentation and urban cadastral surveys, advancing the understanding of architectural typologies in the city's Historic Center. The methodology is grounded in typological analysis and combines preexisting architectural surveys, urban cadastral records, and historical sources, particularly land tenure registers. Preliminary results demonstrate the effectiveness of the proposed method for reinterpreting urban housing patterns. The study identifies recurrent spatial configurations in single-story houses along Alvarenga, Henri Gorceix, and Barão de Ouro Branco streets, revealing similarities in room dimensions and internal layouts. Ongoing cross-referencing between the 1924 land registers and architectural survey data is expected to provide further insights into historical transformations of these dwellings and the profiles of their owners. The research remains in progress and seeks to contribute to the understanding and preservation of the Luso-Brazilian common house in Ouro Preto.

Keywords: Common House; Urban House; History of Architecture; Luso-Brazilian Architecture.

LA CASA CORRIENTE LUSO-BRASILEÑA EN OURO PRETO: Análisis tipológico de la casa urbana de los siglos XVIII y XIX

2

Resumen: El análisis tipológico de la casa corriente luso-brasileña en Ouro Preto se desarrolla en el marco de un proyecto de investigación en el IFMG y tiene como objetivo subsanar lagunas en la historiografía de la arquitectura brasileña mediante la propuesta de un nuevo método de clasificación de la vivienda urbana de los siglos XVIII y XIX. La propuesta resulta innovadora al reorganizar el estudio de la vivienda urbana de los períodos moderno temprano y decimonónico, estableciendo un marco interpretativo inicial basado en los tipos arquitectónicos casa corriente y casa senhorial, susceptible de aplicarse a distintas variaciones regionales de la vivienda urbana en Brasil. El objetivo general es ampliar la investigación sobre la casa corriente luso-brasileña en Ouro Preto a partir del análisis de documentación histórica de los siglos XVIII y XIX y de los catastros urbanos de las viviendas locales, avanzando en el estudio de las tipologías arquitectónicas presentes en el Centro Histórico de la ciudad. La metodología se fundamenta en el análisis tipológico y articula levantamientos arquitectónicos preexistentes, registros catastrales urbanos y fuentes históricas, en particular los registros de tenencia de la tierra. Los resultados preliminares indican la eficacia del método propuesto para la reinterpretación de la vivienda urbana, al identificar patrones de uniformidad en casas de una sola planta ubicadas en las calles Alvarenga, Henri Gorceix y Barão de Ouro Branco, con similitudes en las dimensiones de los ambientes y en la organización espacial interna. El cruce de los datos de los registros de 1924 con las mediciones obtenidas de los levantamientos arquitectónicos permitirá profundizar en el conocimiento de las transformaciones históricas de estas viviendas y del perfil de sus propietarios. La investigación se encuentra en curso y busca contribuir a la comprensión y preservación de la casa corriente luso-brasileña en Ouro Preto.

Palabras clave: Casa corriente; Casa urbana; Historia de la arquitectura; Arquitectura luso-brasileña.

1. A INVESTIGAÇÃO DA CASA CORRENTE LUSO-BRASILEIRA

A historiografia da casa urbana no Brasil é um campo marcado por descontinuidades e disputas ideológicas que remontam ao início do século XX. Este panorama inicial foi definido pelo embate entre o "movimento tradicionalista", precursor do Estilo Neocolonial, e o grupo modernista ligados ao nascente Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Enquanto os tradicionalistas, liderados por figuras como Ricardo Severo e José Marianno Filho, tinham a casa como figura central, os modernistas estabeleceram uma hegemonia que condicionou a percepção desta como um objeto de segunda ordem no debate sobre a identidade nacional. Interessava à construção da historiografia da arquitetura, naquele momento, dar ênfase nas obras mais próximas do contexto das Belas Artes e do Estilo Barroco.

Entre 1940 e 1980, a "geração SPHAN"¹ consolidou uma representação da casa urbana pautada pela simplicidade formal e pela suposta inexistência de variedade tipológica. Essa visão foi sustentada pela perspectiva funcionalista de Lucio Costa e pela ampla difusão do pensamento do engenheiro Louis Léger Vauthier, que afirmava que as casas brasileiras eram essencialmente idênticas entre si. Tal reducionismo resultou em um longo período de desinteresse acadêmico, relegando o tema a uma posição secundária frente à monumentalidade do Barroco. Mais tarde, entre as décadas de 1980 em diante, iniciou-se um processo de revisão dessa historiografia de base modernista, destacando-se o trabalho de Carlos A. C. Lemos e Günter Weimer, que, respectivamente, introduziram os conceitos novos na análise da casa. Enquanto Lemos construiu sua análise tendo como fundamento o "partido arquitetônico", Weimer utilizou a noção de "arquitetura popular" como chave da leitura historiográfica. Como resultado da obra desses dois pesquisadores, a casa passou a ser evidenciada pela diversidade tipológica, até então ignorada e se estabeleceu possibilidades de conexões entre o objeto e outros contextos, como a relação da produção da casa entre localidades do Brasil, ou mesmo de Portugal e da África. Destaca-se que isso representou um avanço importante para o tratamento do tema, ao se considerar o predomínio de abordagens individualizadas, com foco na análise do objeto construído ou de conjunto deles, sem estabelecer conexões além das formais ou construtivas (Martins, 2021).

Apesar desses avanços, Martins (2021) identificou uma lacuna metodológica na historiografia brasileira: a falta de uma classificação sistemática que diferenciase com clareza a casa corrente da casa senhorial ou da casa corrente urbana da rural. Ainda que a noção de "arquitetura popular" de Weimer tenha avançado em algum nível nessa seara, era necessário utilizar novos fundamentos para uma categorização mais ajustada. Da mesma forma, a abordagem de Lemos baseada em uma análise pelo "partido arquitetônico" não compreendia a possibilidade de estabelecer uma diferenciação clara entre os fenômenos. A utilização da terminologia "arquitetura

¹ Denominação usada para se referir ao grupo de modernistas que estavam associados ao nascente Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e criaram a linha editorial responsável por validar cientificamente o modus operandi da preservação. (Martins, 2021)

vernacular", mesmo com uma sustentação de boa fundamentação para o estudo da casa, em alguns contextos, também não seria ajustada para o tratamento da casa urbana, pois o cenário de regulação da produção arquitetônica pelas Câmaras, de maneira decisiva, interferiu sobre as dimensões plástica e construtiva das edificações. Frente a essas questões, adotou-se o conceito de "Casa Corrente"² como chave de leitura para o problema da classificação da casa urbana.

A casa corrente é definida como a habitação comum que compõe o tecido urbano das antigas povoações, diferenciando-se dos exemplares de exceção ou de grande escala, que são as casas senhoriais. Ao adotar esse objeto, a pesquisa busca superar o "mosaico de observações" desconexas que marcou os estudos brasileiros, estabelecendo um critério de classificação homogêneo e capaz de responder à complexidade das habitações. Nisto, a proposta organizou a casa corrente em função de dois "partidos arquitetônicos": casas térreas e sobrados. A partir dessa divisão pode-se definir as respectivas "variações formais" dentro do universo de cada partido. As "variações formais" incidiram sobre a organização interna, a funcionalidade e determinaram as soluções de arranjo das fachadas.

A base de pensamento teórico para o tratamento da casa corrente, como objeto de pesquisa, apoia-se na tríade vitruviana, relacionando a "firmitas" às "estruturas formais"³ e as "utilitas" e "venustas" às "variações formais". Entre a metodologia proposta também se utilizou o método indiciário de Carlo Ginzburg, buscando em fontes históricas diversas os indícios para a compreensão dos diversos cenários entorno da produção das edificações, seus usos e usuários, bem como, os impactos do "fazer-cidade"⁴ sobre as habitações.

A partir das duas linhas de abordagem indicadas, a casa corrente luso-brasileira de Ouro Preto está, na atual fase de pesquisa, sendo analisada de forma quantitativa. A escolha por este recorte territorial se deu pela questão logística, diante do fato dos pesquisadores viverem e estudarem na cidade, mas, sobretudo, por entendermos o sítio histórico local como um laboratório ideal, dotado de um acervo arquitetônico tombado e um histórico de preservação que remonta aos anos 1930. Além disto, contamos com o célebre trabalho de Sylvio de Vasconcellos, acerca das residências da antiga Vila Rica, como aporte na pesquisa historiográfica. Além disto, no início dos anos 2000, sob condução do IPHAN, foi produzido uma série de levantamentos arquitetônicos que

² A casa corrente é um campo de investigação consolidado na historiografia da arquitetura portuguesa desde a década de 1960, mas ainda inédito no cenário brasileiro.

³ Estruturas formais: consistem em arranjos baseados em uma cultura construtiva ou em modelos arquitetônicos circulantes entre os séculos XVII e XIX, capazes de influenciar as dimensões adotadas nas edificações e os sistemas construtivos a serem utilizados.

⁴ "Fazer-cidade" é uma expressão empregada por Trindade (2013), que corresponde aos processos presentes na antiga lógica de produzir espaços urbanos em Portugal. Segundo a autora, a observação das características das povoações permitiu confirmar a existência de "uma maneira de [fazer-cidade], um conjunto de normas e procedimentos, mais do que um modelo. Em síntese, o que caracterizaria a cidade portuguesa". (Trindade, 2013, p. 28)

compõe o Inventário Nacional de Bens Imóveis e Sítios Urbanos (INBI-SU). A existência desse vasto banco de dados - que reúne informações de cerca de 1000 imóveis - viabiliza o tratamento do ponto de vista quantitativo e assegura condições de se identificar como as "estruturas" e "variações formais" ocorreram ao longo do sítio preservado. Destaca-se também a importância de se estudar a casa corrente de Ouro Preto e utilizá-la como fundamento para a investigação da arquitetura luso-brasileira em Minas Gerais. Ainda que a casa corrente apresente um "ar de família", fato que conferiu uma unidade formal aos conjuntos urbanos em diversas partes do Estado, existem marcantes particularidades em cada povoação e a abordagem feita no caso em estudo servirá de base metodológica para a proposição de novas investigações.

Constitui um aspecto de extrema importância, o entendimento de que a casa corrente luso-brasileira em Minas Gerais recebeu - desde o estabelecimento do controle administrativo da Coroa sobre as povoações - interferências das Casas de Câmara em sua manifestação. Mesmo estando marcada pelos regionalismos e se incorporando as contribuições das tradições construtivas africana e indígena, a reprodução da casa corrente esteve sujeita aos interesses imperialistas portugueses do século XVIII. Este é um fator pouco considerado entre os estudos da casa urbana e demonstra como a historiografia da arquitetura no Brasil não conseguiu explorar o tema em sua totalidade até o momento. Além disto, não é possível apontar a existência de uma ruptura formal significativa na manifestação da casa corrente luso-brasileira em Ouro Preto - mas, também, em Minas Gerais - no séc. XIX. As inovações estilísticas se incorporam à arquitetura luso-brasileira e a dimensão plástica da casa urbana manteve os padrões vigentes até o final do século XIX. Essa continuidade é perceptível em Ouro Preto nas tentativas de atualização das formas, que vieram a se alterar de forma significativa após a chegada da linha férrea, em 1888, já às portas da transferência da Capital para Belo Horizonte.

A investigação da casa corrente luso-brasileira em Ouro Preto também se justifica pela necessidade urgente de preservação. O desconhecimento das características desse patrimônio tem levado a intervenções inadequadas, motivadas pelo uso associado ao turismo e pelo modo de vida contemporâneo. A alteração de interiores e a substituição de sistemas construtivos tradicionais por materiais modernos descaracterizam o objeto de forma irreversível. Como resultado da pesquisa aplicada espera-se fornecer subsídios para o fortalecimento das ferramentas de preservação existentes. É preciso, sobretudo, compreender a casa corrente como um objeto definido pela manifestação plena nas suas dimensões funcionais, plásticas e construtivas. As modificações, em qualquer um desses aspectos, levam a perdas inestimáveis de saberes construtivos e arquitetônicos de grande valor histórico, documental e sociocultural. Do ponto de vista acadêmico e científico, a proposta busca o fortalecimento do IFMG Campus Ouro Preto e do curso de Tecnologia em Conservação e Restauro nesse campo do conhecimento.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS APLICADOS AO ESTUDO EM CURSO

A investigação da casa corrente luso-brasileira em Ouro Preto aproveita os métodos de investigação utilizados pelos principais pesquisadores da casa corrente portuguesa. Neste sentido, fundamenta-se o trabalho na análise tipológica, baseada na tríade vitrúvio-albertiana, e no método indiciário, de Carlo Ginzburg.

Na primeira linha de abordagem, tem-se realizado o estudo dos exemplares a partir do cadastro urbano e arquitetônico. A investigação utilizou, até o momento, os levantamentos do INBI-SU como ponto de partida para a classificação inicial de imóveis. Esse banco de dados contempla as plantas e a indicação de medidas verticais básicas para centenas de casas, distribuídas entre os bairros Cabeças e Padre Faria, compreendendo em extensão quase todo o Sítio Histórico local. Tal acervo oferece um recorte amplo do contexto da casa corrente luso-brasileira de Ouro Preto e, sobretudo, oferece informações quantitativas valiosas para a compreensão da morfologia das edificações. Escolheu-se, para a fase atual da pesquisa, as ruas Henri Gorceix, Alvarenga, Conde de Bobadela e Barão do Rio Branco. Os dados recolhidos estão permitindo tratar das questões relativas às dimensões construtiva (firmitas), funcional (utilitas) e plástica (venustas) dos exemplares.

O recorte espacial indicado se deu a partir da possibilidade de conjugar, desde o início, o método indiciário de Carlo Ginzburg, a segunda linha metodológica de abordagem. A consulta aos documentos revelou uma dificuldade com a toponímia das ruas, o que exigirá a busca por ou a realização de pesquisas complementares, capazes de oferecer o reconhecimento dos logradouros. Além disto, o registro imagético feito nessas ruas ao longo do tempo permite interpretar manifestações da casa corrente, em diversos meios, como: gravuras antigas, mapas e fotografias. A documentação camarária e os relatos de viajantes são igualmente importantes, para compreender as transformações sofridas pelas habitações, e a possibilidade de espacializar o relato no meio urbano.

Dada a amplitude do acervo, o projeto tem sido executado em etapas, iniciando-se com a coleta de dados qualitativos e a triagem de exemplares remanescentes dos séculos XVIII e XIX. Isto levou, em um primeiro momento, no cruzamento do registro do sítio urbano feito no mapa da cidade de Ouro Preto de 1888 com informações provenientes dos aforamentos dos anos de 1830, 1883 e 1924. No intuito de estabelecer relações sobre o espaço edificado e seus habitantes, utilizaram-se edições do Almanak Laemmert do início do séc. XX, disponível de forma virtual no acervo da Biblioteca Nacional Digital. O referido almanaque explorou informações administrativas de diversos setores das cidades do Império e da Corte e nele, é possível por meio de buscas encontrar nomes presentes no livro dos Foros de 1924.

Com a implementação desse processo, percebeu-se a necessidade de se ajustar as etapas de investigação ao perfil dos pesquisadores envolvidos. A dificuldade de se encontrar informações no vasto acervo documental dos aforamentos, a ausência de estudos sobre a documentação - capazes de abreviar os caminhos de investigação - e

a incompletude dos registros sobre as habitações, se mostraram como elementos limitadores para o avanço esperado do trabalho em sua fase inicial. Como recurso, estamos ajustando o percurso com a análise de fontes compreendidas entre os anos de 1888 e 1950, de forma a se construir uma interpretação da consolidação do conjunto urbano tombado em Ouro Preto. Com base nesse entendimento, pode-se gerar um quadro de análise para a casa corrente luso-brasileira à luz do acervo em seu estado final de constituição, de modo a permitir uma conexão possível com os levantamentos arquitetônicos contidos no INBI-SU. Para tanto, além do mapa de 1888, pode-se contar com os registros feitos para a campanha "Salvemos Ouro Preto", conteúdo de grande relevância por comportar ampla documentação do estado das casas no início da década de 1950. Como importante fonte de pesquisa e disponível de modo virtual, também pode-se destacar o amplo acervo fotográfico, feito entre o final do séc. XIX e as metade do séc. XX por diversos fotógrafos, que permite verificar as transformações dos imóveis e da paisagem urbana.

3. ETAPAS DE EXECUÇÃO

Como indicado no item anterior, a pesquisa sobre a casa corrente luso-brasileira, em curso no IFMG Campus Ouro Preto, está sendo executadas em etapas e os itens a seguir correspondem aos procedimentos executados entre outubro de 2024 e dezembro de 2025.

3.1 IMPLEMENTAÇÃO DAS AÇÕES

A fase inicial consistiu na qualificação técnica e no nivelamento de conhecimento da equipe em relação ao tema. Para tanto, ocorreram encontros para reuniões de alinhamento das ações e a leitura de literatura especializada, incluindo teses e artigos de referência. Simultaneamente, estabeleceu-se a infraestrutura digital de dados via OneDrive para o compartilhamento de fontes primárias, como plantas cadastrais, planilhas e levantamentos arquitetônicos provenientes do acervo INBI-SU.

O processo de seleção do recorte inicial para estudo partiu de uma análise comparativa entre os levantamentos do Inventário Nacional de Bens Imóveis e Sítios Urbanos realizado em Ouro Preto e o mapa de 1888. Em conjunto, se analisou um banco de dados previamente estruturado pelos propositores do projeto de pesquisa, que contemplava a pré-seleção de 570 casas entre os imóveis catalogados pelo INBI-SU. Na fase 1 da implementação da investigação foi feita nova triagem, a partir das características arquitetônicas e percepção de antiguidade, resultando em 388 imóveis. Posteriormente, na Fase 2, se refinou o recorte para 372 imóveis de interesse, baseando-se nas comparações entre as fontes cartográficas disponíveis à consulta. A partir daí, os dados foram organizados em uma tabela, por meio da qual foi realizado o comparativo por logradouros de interesse, relacionando o número de imóveis da pré-seleção e as fases iniciais.

Tabela 1: Relação de unidades possíveis de serem tratadas nas fases de implementação da pesquisa

Logradouro		Quantidade (PS)	Quantidade (F1)	Diferença (PS-F1)	Percentual por Rua	Percentual em relação ao total
Rua	Conde de Bobadella (Direita)	41	39	2	95%	10,05%
Rua	Alvarenga	36	29	7	81%	7,47%
Rua	Bernardo de Vasconcelos	30	27	3	90%	6,96%
Rua	Santa Efigênia	41	22	19	54%	5,67%
Pça.	Antônio Dias	24	19	5	79%	4,90%
Rua	Pilar	18	16	2	89%	4,12%
Rua	Getúlio Vargas	27	16	11	59%	4,12%
Rua	Cláudio Manoel	16	14	2	88%	3,61%
Rua	Henri Gorceix (Nova)	15	13	2	87%	3,35%

O conjunto de dados contido na tabela contemplou a seleção de logradouros que poderiam ser identificados junto aos aforamentos, em função da manutenção da denominação ao longo do tempo ou por corresponderem a localidades de fácil identificação.

Fonte: Autoria própria.

Para garantir a representatividade, aplicou-se um cálculo amostral estatístico sobre o universo de 388 imóveis. Utilizando parâmetros de 95% de confiança e erro amostral de 5%. Assim, ao final, determinou-se uma amostra de aproximadamente 194 edificações. Este procedimento permitiu a ordenação hierárquica dos logradouros, identificando nove pontos focais para a investigação, com destaque para a Rua Conde de Bobadella (antiga Direita) e a Rua Alvarenga, devido à sua densidade de exemplares preservados. Em suma, o método de seleção foi consolidado pela triagem quantitativa e qualitativa, resultando em um recorte distribuído em logradouros estratégicos. Essa estrutura forneceu a base necessária para a implementação da pesquisa documental.

8

3.2 PESQUISA DOCUMENTAL

As fontes documentais são importantes para auxiliar na compreensão do espaço urbano de Ouro Preto, desde à época da criação de Vila Rica. Inicialmente, em função da dificuldade de acesso ao acervo manuscrito dos séculos XVIII e XIX, explorou-se o conjunto documental do Livro dos Tombos, mais especificamente a série Foros do ano de 1924. Também foram consultados documentos contidos nos aforamentos de 1830 e 1883, mas estes não teriam aplicação direta na fase atual da execução do projeto. Esses aforamentos revelaram dados sobre a propriedade dos imóveis, sem mencionar outras informações como o tipo de bem (casa térrea, sobrado ou terreno) ou o dimensionamento das testadas - informações necessárias para a análise tipológica da casa corrente local.

De acordo com Christina Montalvão (2015), os aforamentos permitem ter acesso ao registro das propriedades doadas pela Câmara de Vila Rica, desde a carta de sesmária de 17 de janeiro de 1736 e seus desdobramentos nas épocas seguintes. Nos registros do início do séc. XX, em Ouro Preto, encontraram-se informações sobre a cobrança dos foros e, também, foi possível identificar dados em relação à rua, ao nome do foreiro, ao tipo de imóvel, ao número de braças e ao valor em réis por braça de cada imóvel. Esses dados foram cruzados com outras fontes, como o Almanak Laemmert de 1905. A tabela a seguir ilustra os procedimentos realizados e como pode-se avançar no entendimento da associação dos dados dos imóveis aos seus proprietários.

Tabela 2: Exemplo de vinculação entre os dados dos aforamentos com outras fontes

Foreiro	Espécie de Casa	Braças	Observações
Octavio Vieira de Brito (é de Henrique Lopes)	Casa de sobrado	2 ½	Almanak Laemmert, 1905/Edição A00062. Octavio era Pharmaceutico. Rua direita, n37
Achille Ballena (é do Dr, Octavio de Brito)	Casa de sobrado	2 ½	Almanack Laemmert, 1909/Edição B00066. Achille Ballena tinha uma loja de Calçado na Rua direita, 47
Nicoletta Palmierie e seus filhos (é de Matheus Sardini)	Casa de sobrado	2	Almanak Laemmert, 1915/Edição A00071. Loja de Ferragens, Rua direita, n19
Eduardo Pereira Barbosa (é de D. Maria Perpetua Barbosa de Oliveira; do Dr. Alfredo Baeta)	Casa de sobrado	2	Almanak Laemmert, 1905/Edição A00062. Engenheiro Rua direita, n9

Fonte: Autoria própria.

No cruzamento de dados entre os Foros de 1924 e os do Almanak Laemmert (1905-1915), conseguiu-se encontrar, em alguns casos, a profissão e o número da casa do Foreiro. Todas essas informações encontradas nos auxiliam a confrontar com as plantas cadastrais atuais e na compreensão da dinâmica da evolução urbana de Ouro Preto, no século XIX.

3.3 MAPEAMENTO DOS IMÓVEIS E ORGANIZAÇÃO DOS DADOS

A etapa de mapeamento dos imóveis consistiu na reunião de plantas - dos pavimentos destinados à habitação - à planta cadastral de Ouro Preto. O processo iniciou-se pelas ruas Alvarenga, Barão de Ouro Branco e Henri Gorceix, utilizando os quadros de verificação qualitativa, anteriormente demonstrados, para validar a completude dos levantamentos. Este procedimento permitirá, entre outras coisas, a espacialização das "estruturas formais" presentes nas edificações, servindo como base para a análise da morfologia construtiva. Neste sentido, realizou-se a aferição dimensional das testadas tanto dos terrenos quanto da edificação, utilizando as unidades de medida no sistema métrico e de pesos e medidas portuguesas, anterior ao séc. XIX.

4. RESULTADOS INICIAIS

Os resultados iniciais têm se demonstrado promissores e estão permitindo a validação do método de pesquisa escolhido. Ainda que, no estágio atual, a extensão da análise tipológica a partir dos logradouros não seja grande e corresponda a fase de constituição, percebeu-se a possibilidade de comprovar aspectos importante sobre o conjunto arquitetônico herdado dos séculos XVIII e XIX. Martins (2021) apontou para a circulação de uma cultura construtiva associada à reprodução da casa corrente luso-brasileira, fato que pode ser evidenciado pelo método proposto. A observação da repetição de padrões dimensionais no interior das habitações em certas partes do conjunto, por exemplo, indica para uma correlação entre as formas de organizar o espaço interno e de definir a área destinadas aos cômodos. A verificação também

contemplaria se casas com plantas repetidas corresponderiam a mesma "estrutura formal" e soluções construtivas, indicando para um momento único de construção. Com o cruzamento dos dados providos dos documentos, pode-se, ainda, identificar se as residências eram de propriedade única ou compartilhada entre familiares. Do mesmo modo, a indicação do proprietário pode revelar a existência de imóveis de aluguel ou de concessão de uso. Os itens a seguir se destinam a apresentar as evidências identificadas e ações para o desdobramento da pesquisa.

4.1 EVIDÊNCIAS IDENTIFICADAS

O cruzamento entre os dados do Foro de 1924 e os levantamentos arquitetônicos do INBI-SU, para a Rua Henri Gorceix, permitiu a identificação da propriedade de imóveis com testadas de fora dos padrões dimensionais do lote godo-medieval⁵. As edificações comuns, com testadas entre 2 e 4 braças, apresentam alta recorrência, exigindo metodologias complementares, como o trabalho de campo e a associação a outras fontes, para compatibilizar a ordem dos registros feitos no aforamento com a numeração atual.

Tabela 3: Vinculação de dados entre INBI-SU e os Foros de 1924

Item	Quadra	Lote	Número	Testada (Braça) - conversão a partir do INBI-SU	Testada (Braça) - Arredondamento	Proprietário (Foro 1924), segundo os dados da testada do terreno
595	41	4	96	21,19	21	-
590	40	1	57	20,36	20,5	Joaquim Affonso Painhas (é de Dr. Odorico)
599	42	3	141	7,48	7,5	-
594	40	3	93	6,21	6	Herdeiros de Alfredo Furst (é de Victoriano Dias)
612	42	13	209	5,26	5	Herdeiros de Vicente Ferreira do Espírito Santo (é de Affonso Machado; é de Honorio Albergani)
614	43	5	220	4,06	4	-
600	41	6	144	3,54	3,5	-
606	42	8	175	2,65	3	-
615	43	6	228	2,35	2,5	-
604	42	7	171	1,7	2	-
601	42	4	159	1,74	2	-
602	42	5	161	1,98	2	-
603	42	6	165	2,17	2	-

O recorte apresentado corresponde aos imóveis que possuem levantamento completo pelo INBI-SU, critério adotado para a seleção dos casos em estudo. Na Rua Henri Gorceix existem 28 imóveis indicados no Inventário.

Fonte: Autoria própria.

A identificação de propriedade nos imóveis de número 57, 93 e 209 foi facilitada pelas dimensões coincidentes com os dados dos Foros de 1924. Todavia, o mesmo procedimento não foi possível no caso dos correspondentes aos números 96 e 14, possivelmente, em função da modificação do reparcelamento dos terrenos. Para os

⁵ Luisa Trindade (2013) utilizou esta denominação para se referir ao tipo predominante de lote no urbanismo de origem portuguesa, marcado pelas características morfológicas das parcelas, que eram definidas por testadas estreitas e grande profundidade. A contração "godo-medieval" corresponde à origem do tipo, introduzida no Norte de Portugal pela migração goda e estendida a todo Reino na Alta Idade Média durante a Reconquista Cristã.

casos dos imóveis de testadas entre 2 e 4 braços, o processo de identificação não foi possível, visto que na planta cadastral existem 8 imóveis com tais medidas de fachadas, e no Foro de 1924, constam 22 imóveis com estas dimensões.

A análise das plantas associadas ao cadastro urbano revelou a uniformidade de padrões de organização interna, na distribuição dos pavimentos das casas térreas, em certas partes do conjunto arquitetônico. Nas ruas Henri Gorceix e Barão de Ouro Branco, observou-se a repetição de soluções empregadas no cômodo associado à rua e no posicionamento dos corredores. Essa homogeneidade levanta a hipótese de uma lógica estrutural oriunda da necessidade de se solidarizar os esteios e a estrutura de telhado – ou, mesmo, de poder ter havido a circulação de uma cultura construtiva, capaz de indicar situações específicas associadas à propriedade ou a construção do imóvel.

Figura 1: Vinculação dos levantamentos dos imóveis ao cadastro urbano - Rua Henri Gorceix



O trecho em destaque corresponde aos imóveis compreendidos entre os números 141 e 175. As linhas azuis representam os padrões de repetição da organização interna das casas. As similaridades entre as plantas dos imóveis 159 e 171 são mais evidentes.

Fonte: Autoria própria.

Nota-se, no trecho analisado da Rua Henri Gorceix, a semelhança entre as dimensões do primeiro cômodo e posição dos corredores. É certo que se deve considerar que ainda

não foram levantadas questões como possíveis alterações pelas quais os imóveis possam ter passado, antes mesmo do levantamento do INBI-SU; bem como, a necessidade de prosseguir com a pesquisa, em busca de evidências mais conclusivas.

No caso dos imóveis da Rua Barão de Ouro Branco, observou-se padrões mais homogêneos tanto no dimensionamento dos cômodos, quanto na organização interna das casas - tendo-se, inclusive, algumas casas o mesmo tipo de planta. Tal fato abre a oportunidade de inúmeras discussões sobre a uniformidade do conjunto, indicando dados que podem ser confrontados com os encontrados em outras partes do Núcleo Histórico de Ouro Preto.

Figura 2: Vinculação dos levantamentos dos imóveis ao cadastro urbano - Rua Barão de Ouro Branco



O trecho em destaque corresponde aos imóveis compreendidos entre os números 42 e 142. As linhas azuis representam os padrões de repetição da organização interna das casas.
Fonte: Autoria própria.

As evidências identificadas, no caso da Rua Barão do Ouro Branco, reforçam a existência de uma possível padronização construtiva no local.

4.2 AÇÕES PARA OS DESDOBRAMENTOS DA PESQUISA

A pesquisa identifica que as intervenções promovidas pelos proprietários ao longo do tempo podem comprometer a análise tipológica, uma vez que alterações - nas técnicas construtivas, nas divisões e medidas internas - geram distorções na interpretação dos imóveis. Para mitigar esse risco e reduzir a margem de erro, uma das estratégias para a continuação da pesquisa propõe o confronto sistemático entre as plantas de pavimento e as de cobertura. A forma dos telhados, especificamente a das águas mestras, é uma referência mais estável e confiável, por ser uma estrutura menos sujeita a modificações do que os arranjos internos.

Paralelamente, observa-se a importância de integrar novas bases de dados para aumentar a precisão da investigação. A incorporação dos aforamentos (foros) surge como uma solução para estabelecer marcos temporais mais seguros e confiáveis sobre a evolução do conjunto urbano. O uso dos Foros de 1924 é destacado como estratégico, pois apresenta uma configuração da cidade muito próxima àquela encontrada na época de seu tombamento oficial, em 1938, oferecendo um cenário de consolidação urbana mais fácil de ser comparado com o estado atual das edificações.

Por fim, essa ampliação metodológica visa permitir, em etapas futuras, o cruzamento das informações com outras bases de dados - como os levantamentos feitos para a Campanha Salvemos Ouro Preto -, de forma a identificar e preencher lacunas existentes em cada registro documental. Ao validar o método de investigação por meio dessa base de 1924, a pesquisa assegura uma estratégia eficaz para comparar a evolução histórica com a realidade física das casas na atualidade. Tal procedimento é essencial para consolidar o entendimento da casa corrente como objeto de preservação e para fundamentar análises comparativas mais amplas dentro do núcleo histórico.

13

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação reafirma a casa corrente luso-brasileira como um objeto essencial para compreender a morfologia urbana de Ouro Preto, cobrindo espaços deixados por uma historiografia que priorizou a monumentalidade barroca em detrimento das habitações comuns. A aplicação da análise tipológica e do método indiciário demonstrou ser eficaz para identificar padrões de uniformidade arquitetônica e métrica nas casas dos séculos XVIII e XIX. Isto aponta para uma cultura construtiva em circulação, de modo a refutar a visão de uma suposta inexistência de variedade tipológica entre as casas urbanas.

Os resultados evidenciam a importância de cruzar dados históricos, como os Foros de 1924, com levantamentos arquitetônicos feitos para o INBI-SU, de forma a mapear a evolução urbana e identificar o perfil das propriedades. A pesquisa destaca que a análise de elementos estruturais mais estáveis, como as águas mestras dos telhados, é uma estratégia técnica fundamental para mitigar as distorções causadas por intervenções contemporâneas. Isto é uma das estratégias voltadas a garantir uma

leitura mais precisa da integridade dos imóveis, face às descaracterizações sofridas ao longo do tempo. Além disto, a observação in loco e a conversa com os atuais moradores podem colaborar com o processo.

Por fim, a realização deste estudo contribui para a atualização da historiografia da arquitetura brasileira. Do mesmo modo, também oferece um modelo metodológico replicável para outros centros históricos. A continuidade da pesquisa, integrando novas bases de dados, é vista como um passo crucial para fortalecer as ferramentas de preservação e a valorização da casa corrente como patrimônio cultural, indissociável da identidade nacional.

6. AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao IFMG Campus Ouro Preto pela oferta de bolsas, que ajudam a promover o trabalho de pesquisa do qual este artigo é fruto.

8. REFERÊNCIAS

BUENO, Beatriz P. S. **Tecido urbano e mercado imobiliário em São Paulo**: metodologia de estudo com base na Décima Urbana de 1809. Anais do Museu Paulista, São Paulo, N. Sér. v.13, n.1, p. 59-97, jan-jun. 2005.

GINZBURG, Carlo. **A Micro-História e Outros Ensaios**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, S.A., 1991.

MARTINS, Régis E. **A Casa Corrente Luso-Brasileira em Minas Gerais**: Releitura sobre a casa urbana das regiões de Vila Rica e do Rio das Mortes (Séculos XVIII e XIX), 2021. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

MARTINS, Régis E. Os desafios da preservação da casa corrente luso-brasileira em Minas Gerais. (Conferência). **Anais...** VI CPIHAAP – Um diálogo com o Sudeste, Mariana (MG), 17 nov. 2023.

MONTALVÃO, Christiane. **Composição social e distribuição espacial dos habitantes de Vila Rica na década de 1810**, 2015. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.

TRINDADE, Luisa. **O Urbanismo na Composição de Portugal**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Vila Rica**: Formação e desenvolvimento – Residências. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1956.